

**A MULHER
DE
SATANÁS**

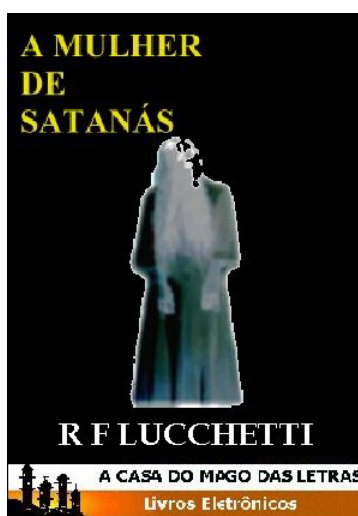


R F LUCCHETTI



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

Livros Eletrônicos



R. F. Lucchetti
Autor



Edição Eletrônica: L P Baçan
Dezembro de 2009
All rights reserved

**Direitos exclusivos para língua portuguesa cedidos pelo autor a
Lourivaldo Perez Baçan.**

Copyright © 2007 L P Baçan e R. F. Lucchetti

Distribuição exclusiva através do [SCRIBD](https://www.scribd.com/lpbacan)

**Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam
preservadas as características originais da obra.**

A MULHER DE SATANÁS

Era como um fantasma de seu próprio passado. Um fantasma com quem ele houvesse marcado um encontro no inferno.

CAPÍTULO 1

Foi um longo, um terrível momento para Earl Nelson. Uma dessas ocasiões em que desaparece a noção do tempo, e ele não poderia disser que ficara ali parado durante uma hora ou somente por um minuto. Não sabia. E quando, finalmente, desviou o olhar, a visão impressionante daquela mulher permaneceu-lhe nos olhos. Era como se seus olhos não se tivessem movido; ele ainda a via.

Não fora o sangue a escorrer-lhe pela maquilagem como as linhas de um rio representado num mapa, que o impressionou. Nem tampouco por ela estar morta. Ele ficara como que paralisado, dominado por um entorpecimento emocional que o acompanhou até a casa. O que o impressionara tinha sido o que o tempo, o correr dos anos, havia feito àquela mulher, Jeanette Molloy.

A boca, outrora tão graciosa, com uma expressão de amuo, estava agora frouxa e lassa. A pele era granulada, mesmo por sob a espessa camada de pintura. Não parecia, absolutamente, ter quarenta anos. Parecia ter sessenta.

Ele sacudiu a cabeça e a visão sumiu-se. Viu então que estava olhando através da sala pequena e pobre, para sua própria imagem, num espelho de parede.

— Ela não é a única — murmurou ele.

Também sua própria fisionomia se transformara naqueles poucos minutos. Levou os dedos ao cabelo espesso e grisalho das têmporas, que agora não lhe dava mais o ar distinto que Eileen sempre achara. Simplesmente lhe dava uma aparência envelhecida.

Ele não parecia Earl Nelson, o famoso caricaturista, o conhecido homem de sociedade. Parecia um velho que houvesse resistido por mais tempo que os outros, por meio de uma vitalidade forçada, e que de repente tivesse fraquejado, dado de si.

Ficou contente de Eileen não estar ali para vê-lo com aquele aspecto. Mas era bom pensa nela.

Por uma janela aberta nos fundos do apartamento, chegaram-lhe aos ouvidos os sons desafinados da voz de um bêbado que cantava lá em baixo na Décima Avenida. Num apartamento ao lado, um homem ressonava.

Earl notou que estava suando. O ar abafado daquele apartamento tornava-se dificilmente respirável. correu o olhar pela mobília barata e pensou: "Que lugar para morar!... " O olhar relanceou novamente pela mulher estendida no chão. Outro pensamento amargo lhe veio à mente: "Que lugar para morrer".

E de repente compreendeu que tinha de sair dali quanto antes. Novamente correu o olhar pela pequena sala, e nada encontrou que pudesse servir de indício à policia. Na ponta dos pés, afastou-se do cadáver da mulher. No cérebro latejavam um milhão de pequenos impulsos. Havia coisas que ele faria antes de sair. Mas havia também aquela vontade de sair dali e os pés moveram-se-lhe como que automaticamente.

Earl saiu para o corredor. Uma única lâmpada suja pendia de um fio, e a luz dela fez com que suas feições bonitas de homem maduro novamente parecessem cansadas e terrosas, tal como momentos antes, lá dentro, quando ele se descontrolava.

Fechou a porta, silenciosamente e voltou-se, e viu uma mulher parada à porta do apartamento do outro lado do corredor. Sorria para ele. Mesmo havendo entre os dois toda a largura do corredor. Earl podia sentir-lhe o hálito impregnado de álcool.

Durante um momento ela nada disse, ficando apenas a sorrir-lhe com o olhar fingidamente astuto dos bêbados.

— O senhor é um gentleman — disse ela. — Nunca conheci um gentleman de verdade, mas sei dizer quando vejo um. — Era estranho ouvi-la falar. Uma ruiva grande e cheia metida num quimono vermelho com aquela voz aguda, esganiçada.

— Por que não entra para fazer uma visitinha a mim também, simpático? Eu valho tanto quanto essa aí. Mas nunca nenhum cavalheiro de verdade me veio visitar.

CAPÍTULO 2

Earl Nelson sentiu o coração saltar-lhe do peito. Não sabia o que haveria de fazer para remediar o fato de ter sido visto por aquela mulher. Levantou a mão, num gesto inacabado de explicação.

— Eu estava somente... — o que quer que ele fosse disser, não terminou.

Desviou os olhos. Moveu as pernas a custo. Seguiu depressa pelo corredor, desceu a escada e saiu para a rua.

Talvez — pensou ele — ela estivesse bêbada demais. Talvez não se recorde ou não possa descrever-me.

Uma quadra mais adiante, continuava pensando naquela mulher. Achou que deveria ser a vizinha com quem, dissera Eileen, sua mãe estava sempre brigando. Earl continuou vendo a maneira por que ela lhe sorria.

Pairava sobre a rua uma ligeira névoa, criando um halo pardacento em redor das mortijas lâmpadas da rua, e dando à avenida deserta carácter irreal, de sonho, fazendo que Earl Nelson se sentisse como um desses pequenos símbolos de terror que ilustram as novelas de mistério. De quando em vez, olhava para trás, porém não via ninguém.

Começou então a pensar no homem que o seguira às primeiras horas da noite. Pelo menos o homem poderia estar a segui-lo. Earl não tivera certeza. Mas, de qualquer modo, tinha-se desvencilhado dele antes de ir ao apartamento de Jeanette Molloy.

Desceu para seu estúdio em Greenwich Village, mas Eileen não se achava lá. Pensou que talvez ela tivesse ido esconder-se lá. Voltou para o botequim na Avenida Lexington, onde sempre se encontravam, e onde ela não aparecera, horas antes, e isto era apenas uma última esperança, que não se concretizou, tal como ele acreditava que acontecesse.

Onde mais procurar Eileen, Earl não sabia. Precisava falar com ela. Eileen precisava de ajuda, de dinheiro e de conselhos. E Earl era o único que poderia lhe dar tais coisas. Ela deveria estar louca de medo, de preocupação. Qualquer pessoa estaria, em tais circunstancias. Earl pensou quanto tempo haveria para que a policia tomasse conhecimento da morte de Jeanette Molloy. Ah! se ele pudesse saber o que havia acontecido lá dentro! Deveria ter sido realmente algo muito grave, para levar até a um assassinato.

Entrou em seu apartamento da Rua 64, e o porteiro o cumprimentou exatamente como se aquela fosse uma noite qualquer, como se nada de mais houvesse acontecido.

Earl fez um movimento de cabeça, e passou pela portaria, atravessando o luxuoso saguão atapetado em direcção ao elevador. O ascensorista sorriu para ele, enquanto o elevador subia.

— Aquelas suas duas últimas caricaturas no Metropolitan desta semana estão formidáveis, Sr. Nelson — disse o rapaz.

Earl Nelson procurou lembrar-se quais eram.

— Obrigado, Jimmy. Fico satisfeito de você ter gostado.

— Não sei como o senhor consegue fazer aquilo — continuou Jimmy, sacudindo a cabeça com admiração. — Que senso de humor!

— Sim. — pensou Earl Nelson — ele era o caricaturista, o engraçado, o humorista do lápis.

— Tudo é a mesma droga, Jimmy — disse ele. — É a mesma coisa que cuidar de um elevador.

Pararam no décimo primeiro andar, e então Nelson saiu, e seguiu pelo corredor. Parado diante da porta, endireitou os ombros, compôs a fisionomia. Esperava que Márcia já estivesse ido para a cama. Não sabia se poderia estar perto dela, naquela noite. Já fora uma tortura, nas noites anteriores. E nos últimos tempos ela vinha-se portando de modo terrivelmente estranho, como se suspeitasse de alguma coisa.

Ela estava sentada a um canto, na espaçosa poltrona perto do aparelho de televisão. Baixou a revista que estava lendo. Earl sabia que ela não estivera realmente lendo.

— Alô — disse ela, sorrindo. Mas havia em seu sorriso algo que pareceu a Earl muito estranho.

— Alô, Márcia! — disse ele. Atravessando a sala sem olhar para ela, e começou a tirar o paletó. Pondo-o em cima de uma cadeira, e de uma caixa em cima da mesa retirou um charuto. Sentou-se noutra poltrona.

Levou muito tempo para acender o charuto, e então, atrás da cobertura da nuvem de fumo que criara, olhou para ela.

— Parece que não esta bem disposta, Márcia. Realmente não me agrada ver-te acordada até estas horas. Devias estar descansando. Já é muito tarde.

— Eu sei — disse ela.

Sua voz era macia, calma. Márcia era dessas mulheres que dão uma impressão de leveza. Não era magra, porém delicada, um tanto franzina. O rosto pequeno, bonito e expressivo, com um matiz de maturidade, sob o halo da cabeleira completamente grisalha muito bem penteada. Ao invés de parecer mais velha, entretanto, o cabelo acentuava-lhe a beleza juvenil do rosto. Nelson nunca podia acreditar bem que ela fosse apenas um ano mais moça do que ele, e mãe de um rapagão como Earl Júnior.

Earl lançou um rápido olhar em direção ao quarto do rapaz, e em seu olhar havia a expressão de uma carícia e terna amizade.

Nelson não tinha querido mentir a Márcia, nem engana-la como havia feito, Fora em grande parte por causa do filho deles dois que Earl fizera tudo aquilo. E também por causa de Márcia. Ficou pensando no que iria acontecer agora.

Márcia levantara-se da poltrona. Ficara parada junto à janela, olhando para a noite, lá fora. Parecia tão delicada, assim, entre as cortinas de cores ricas e pesadas.

— Earl, — disse ela sem voltar-se. — Preciso falar contigo. Vou procurar não ser melodramática. Eu...

A voz como que morreu, e Earl viu os dedos de Márcia apertarem-se no pano da cortina. Por um momento, sob a incidência da luz, o anel de brilhante, presente de casamento, cintilou-lhe no dedo.

— Continua — disse ele.

Ela esperou apenas um instante, ainda assim o tempo suficiente para que Earl sentisse úmidas as palmas das mãos, e latejarem-lhe as temporas, enquanto pensava e tornava a pensar: "Vai ser agora. Vai ser agora".

— Era tão evidente, Earl — disse Márcia. — Foste tão... inábil, que não pude deixar de suspeitar. Creio que era porque não estavas acostumada a fazer essas coisas. Desde o começo que te portaste de modo estranho. Andavas tão calado, tão preocupado. E começaste a ir para o estúdio à noite, para trabalhar, dizias. E depois, numa noite, voltaste para casa com o colarinho manchado de batom.

CAPÍTULO 3

Ele lembrava-se disso. Márcia tinha razão, fora inabilidade sua. Ele não tinha experiência daquelas coisas, para poder precaver-se. Vira a mancha de batom na manhã seguinte e limpou-a. Mas, pelo que via, fora tarde demais.

— ... e por isso contratei os serviços desse detetive, Earl. Foi muito desagradável para mim ter de fazer isso. Era como se estivesse espionando. Mas eu tinha de fazer. Peço-te que compreendas, Earl.

Novamente ela para de falar. Ainda não se voltara para ele. Earl esperava que ela não se voltasse. Não queria ter de encará-la. Se ela fosse ao menos uma mulher diferente! Se tivesse um acesso de nervos, chorasse e gritasse, e atirasse coisas nele, mas não. Aquele era o modo como Márcia reagia. E era justamente isto que fazia com que a coisa se tornasse ainda pior.

— Compreendo — disse ele. Lembrou-se do homem que o estava seguindo. Não era imaginação sua.

— Mas ela é tão jovem, Earl! — disse Márcia. — como é que eu poderia dizer-te...

— Então sabes tudo a respeito dela... — disse ele.

— Muita coisa, ao menos. O detetive verificou o que podia. Ela se chama Eileen Molloy e trabalha como estenógrafa numa firma de publicidade. Mora com a mãe num velho edifício de apartamentos da Décima Avenida.

— Realmente — disse ele. O detetive fez um bom trabalho.

Sim, o homem maduro, rico, e a jovem estenógrafa... — pensou Earl com amargura.

Márcia voltou-se, afastando-se da janela. Aproximou-se da mesa e apanhou um cigarro. Os dedos longos e brancos tremiam-lhe e quase não pode acendê-los.

— Não vou choramingar — disse ela fazendo um gesto de impotência com as mãos — Mas simplesmente não sei o que deva fazer, Earl. Quero dizer, que significa isto? Tu a amas?

— Naturalmente — respondeu ele com firmeza. — ela é...

Deteve-se. Não deveria ter dito aquilo. Saíra-lhe naturalmente. Qualquer coisa que ele pudesse acrescentar, agora tornaria a situação pior. Não poderia explicar.

— Bem, eu não sei, Earl — As lágrimas vieram-lhe então, e começaram a correr-lhe pelas faces. Márcia voltou-se depressa, em direção ao quarto de dormir.

— Desculpa-me — disse ela. — Pensei que poderíamos resolver isto hoje à noite, Earl. Talvez amanhã.

Ele ouviu as batidas de suas chinelas de salto alto na parte do soalho desprovida de tapetes, então ouviu fechar-se a porta do quarto. Continuou sentado. O charuto apagara-se-lhe entre os dedos. Earl largou-o no cinzeiro. Levantou-se e aproximou-se da mesma janela em que ela estivera e ficou olhando para fora. Via a rua lá em baixo. O guarda de ronda, passando pela

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

